

**RICHARD  
PAUL EVANS  
A PROMESSA**

AMOSTRA



**ALTA BOOKS**  
GRUPO EDITORIAL  
Rio de Janeiro, 2022

CAPÍTULO

*Um*

AMOSTRA



*Há dias que vivem na infâmia,  
tanto para indivíduos quanto para nações.  
O dia 12 de fevereiro de 1989 foi o meu  
equivalente pessoal ao ataque a  
Pearl Harbor ou ao 11 de Setembro.*

✧ Diário de Beth Cardall ✧

Minha vida nunca foi perfeita, mas, até o dia 12 de fevereiro, ela estava muitíssimo perto disso. Era assim que eu pensava, ao menos. Meu marido Marc estivera fora da cidade por várias semanas e chegara em casa por volta das três da madrugada. Ouvi-o entrar no quarto, despir-se e se deitar.

Rolei para o lado, beijei-o e coloquei meus braços em volta dele.

— Fico feliz que esteja em casa.

— Eu também.

Não fora feita para ser a esposa de um vendedor. Minha concepção de casamento é ter alguém para dividir tanto os dias da semana quanto os do fim de semana. E, acima de tudo, odeio dormir sozinha. Você poderia pensar que depois de cinco anos eu me acostumaria, mas não era assim.

Nunca me acostumei.

Marc ainda dormia quando o radiorelógio disparou, três horas e meia depois. Desliguei o despertador, virei para o lado e me aninhei em seu corpo quente por alguns minutos, depois lhe dei um beijo no pescoço e pulei da cama. Aprontei-me para o dia, acordei nossa filha Charlotte, de seis anos, fiz o café da manhã para ela e levei-a até a escola.

Era uma rotina à qual me habituara ao longo dos últimos seis meses, desde que Charlotte entrara na primeira série e eu voltara a trabalhar. Com Marc na estrada na maior parte do tempo, eu me tornara bastante independente em minha rotina. Deixei Charlotte na escola e fui direto para o meu trabalho na Prompt Cleaners — uma lavanderia a seco, cerca de dois quilômetros de nossa casa em Holladay, Utah.

Marc ganhava o suficiente para que pudéssemos viver, ainda que não muito mais que isso, e o orçamento estava sempre apertado. Eu

trabalhava para que tivéssemos tranquilidade financeira, para os gastos extras, e para me tirar de casa quando Charlotte estivesse na escola. Não era uma garota ambiciosa, e duvido que trabalhar em uma lavanderia qualifique alguém como tal, mas me enfiar em casa sozinha o dia todo sempre me deixara um pouco louca.

Estava no trabalho havia pouco mais de uma hora, nos fundos, passando ternos, quando Roxanne veio me chamar para atender um telefonema. Acenou para chamar a minha atenção.

— Beth, é para você. É da escola da Charlotte.

Roxanne — ou Rox, como ela gostava que a chamassem — era minha melhor amiga no trabalho. Era, na verdade, a minha melhor amiga em qualquer lugar. Tinha trinta e oito anos, uma década mais velha que eu, baixinha de um metro e meio, magra como um palito e se parecia um pouco com a cantora de rock Pat Benatar — que você não deve conhecer se não passou pela década de 1980. Vinha de uma pequena cidade ao sul de Utah chamada Hurricane (pronunciado *Ru-ri-cãn* por seus habitantes), falava com o sotaque do lugar, com uma leve ênfase animada nas vogais, e usava expressões afetuosas com quase a mesma frequência que o rap usa palavrões.

Era casada havia dezoito anos com Ray, um homem baixo, de abdome roliço, que trabalhava na companhia telefônica, e fazia bicos ocasionais na guarita de uma construtora. Tinha uma filha, Jan, uma versão loira de dezesseis anos da mãe. Jan também era a babá preferida minha e de Charlotte.

Adoro Roxanne. É uma dessas pessoas que o céu raramente manda para a terra — uma alegre combinação de loucura e graça. Era minha amiga, minha guru, meu alívio cômico, minha confidente, meu Prozac e meu anjo da guarda, tudo junto numa silhueta esguia. Todo mundo deveria ter uma amiga como Roxanne.

— Você me ouviu, querida? — repetiu. — O telefone.

— Eu ouvi — gritei por sobre o assobio da máquina de passar. Pendurei o terno que estava passando, e caminhei até a frente da loja.

— É da escola?

Roxanne me entregou o telefone.

— É o que a moça falou.

Joguei meus cabelos para trás e coloquei o aparelho na orelha.

— Alô, aqui é a Beth.

Uma voz jovem e feminina disse:

— Senhora Cardall, meu nome é Angela. Sou a enfermeira do Hugo Reid. A pequena Charlotte está se queixando de dores de cabeça e de uma irritação no estômago. Está aqui deitada em minha sala. Acho que ela provavelmente precisa voltar para casa.

Fiquei surpresa, já que Charlotte se sentia perfeitamente bem uma hora antes, quando me despedi dela.

— Está bem, claro. Estou no trabalho agora, mas meu marido está em casa. Um de nós estará aí dentro de meia hora. Posso falar com Charlotte?

— Claro.

No momento seguinte, a voz de Charlotte irrompeu baixinho no telefone.

— Mamãe?

— Oi, minha querida.

— Não estou me sentindo bem.

— Que pena, meu amor. Papai ou eu vamos pegar você. Logo estaremos aí.

— Tudo bem.

— Eu te amo, meu bem.

— Eu também te amo, mamãe. Tchau.

Desliguei o telefone. Roxanne me fitava da caixa registradora.

— Está tudo bem?

— Charlotte está doente. Ainda bem que Marc está em casa.

Liguei para casa e deixei o telefone tocar ao menos uma dúzia de vezes antes de desligar. Resmunguei, olhei para Roxanne e balancei a cabeça.

— Saiu? — perguntou Roxanne.

— Ou isso ou ainda está dormindo. Preciso buscar Charlotte. Você pode me cobrir?

— Pode deixar.

— Não sei como está a agenda de Marc. Talvez eu não consiga voltar.

— Não se preocupe, o dia está calmo.

— Obrigada. Fico devendo uma.

— Você me deve muito mais que uma, amiga — ironizou Roxanne. — E, algum dia, vou cobrar.



A escola de Charlotte ficava a apenas seis quarteirões da lavanderia, a poucos minutos de carro. Estacionei o velho Nissan na frente da escola e caminhei até a secretaria. O secretário me aguardava e me conduziu até a enfermaria. A pequena sala quadrada estava intencionalmente escura, iluminada apenas por uma luminária de mesa. Charlotte estava deitada sobre uma maca, com os olhos fechados, e a enfermeira se encontrava ao seu lado.

Aproximei-me da maca, me inclinei e beijei sua testa.

— Oi, querida.

Seus olhos se abriram devagar.

— Oi, mamãe.

Suas palavras eram um pouco ininteligíveis, e seu hálito tinha um cheiro forte de vômito.

A enfermeira falou:

— Sou Angela. Você tem uma garotinha muito meiga, aqui. Sinto muito por ela não estar bem.

— Obrigada. É estranho, ela estava bem esta manhã.

— A senhorita Rossi disse que ela parecia bem quando chegou, mas começou a se queixar de dor de cabeça e dor de estômago por volta das dez horas. Medi sua temperatura há meia hora, mas estava normal, 36,8 °C.

Balancei a cabeça mais uma vez.

— Estranho.

— Talvez seja uma enxaqueca — disse a enfermeira. — Isso explicaria a náusea. Ela vomitou há uns dez minutos.

Esfreguei a bochecha de Charlotte.

— Puxa, querida. Voltei-me para trás.

— Ela nunca teve enxaqueca. Talvez um pouco de repouso ajude. Obrigada.

— Não há de quê. Direi à senhorita Rossi que Charlotte foi para casa.

Inclinei-me ao lado de Charlotte.

— Vamos, querida?

— Ahã.

Ergui-a nos braços, e levei-a pendendo sobre meus ombros até o carro.

Ela não falou muito enquanto eu dirigia para casa, e, sempre que me virava para trás, ficava surpresa em ver como ela parecia doente. Adentrei a garagem torcendo para que Marc ainda estivesse em casa, mas seu carro não estava ali. Levei Charlotte para dentro, e deitei-a em nossa cama. Ela ainda estava letárgica.

— Você precisa de alguma coisa, coração?

— Não.

Ficou de bruços e afundou a cabeça em meu travesseiro. Puxei o lençol até seu pescoço. Saí do quarto e liguei para o ramal de Marc, mas tudo que consegui foi ouvir a mensagem da caixa postal. Liguei para Roxanne para avisá-la de que aparentemente não voltaria ao trabalho naquele dia.

— Não se preocupe, meu bem — ela respondeu. — Eu a cubro.

— Eu te amo — disse.

— Eu também. Dê um beijo na Char, por mim.





Charlotte ficou na cama durante o resto da tarde, dormindo na maior parte do tempo. Por volta da uma da tarde, dei-lhe uma torrada e soda limonada.

Meia hora depois, ela vomitou novamente, e se encolheu, dobrando os joelhos e reclamando de dor de estômago. Sentei-me na cama ao seu lado, esfregando suas costas. Para o jantar, fiz canja de galinha, que ela tomou sem vomitar.

Marc não chegou em casa antes das sete horas.

— Oi, querida — disse. — Como foi seu dia?

Acho que precisava de alguém para extravasar a ansiedade do dia.

— Terrível — disse, séria. — Onde você esteve?

Ele me olhou com curiosidade, sem dúvida tentando imaginar o que fizera de errado.

— Você sabe como é quando volto para a cidade, é uma reunião atrás da outra.

— Eu tentei achar você em seu ramal.

— Como eu disse, estava em reuniões. Se eu soubesse que você estava tentando me achar ...

Abraçou-me.

— Mas estou aqui, agora. Que tal se levar você e Char para jantar fora?

Abrandei minha voz.

— Desculpe, foi um dia difícil. Charlotte não está se sentindo bem. Tive de buscá-la na escola. E já fiz uma canja de galinha para o jantar.

Ele se endireitou, visivelmente preocupado.

— Doente? Onde ela está?

— Na nossa cama.

Foi vê-la imediatamente. Acendi o fogão, para esquentar a canja, e segui Marc até nosso quarto. Charlotte deu um gritinho quando o viu.

— Papai!

Ele se sentou ao seu lado na cama.

— Como está minha macaquinha?

— Não sou uma macaquinha.

— Você é minha macaquinha. Você é meu pequeno babuíno.

Deitou-se ao lado dela, seu rosto próximo ao de Charlotte.

— Mamãe me disse que você não está se sentindo bem.

— Estou com dor de barriga.

Ele beijou sua testa.

— Talvez porque você tenha comido todas aquelas bananas.

— Não sou uma macaquinha! — repetiu Charlotte, alegre.

Não pude deixar de sorrir. Era bom vê-la feliz de novo. Charlotte adorava Marc, e sentia muito sua falta quando ele estava fora, o que acontecia ao menos duas semanas todo mês. Em seu favor, Marc sempre fazia o possível para estar conosco. Ligava todas as noites para perguntar como fora o meu dia e dar boa-noite para Charlotte.

— Você jantou?

— Mamãe fez canja de galinha para mim.

— Estava gostosa?

Assentiu com a cabeça.

— Acho que vou tomar um pouco, se você ainda não tiver comido tudo.

Ergueu as sobrancelhas.

— Você comeu tudo, minha porquinha?

Ela riu.

— Você disse que eu era uma macaquinha.

— É verdade. Então fique na cama e não suba mais em árvores.

Ela riu mais uma vez.

— Eu não sou uma macaquinha!

— Era só para ter certeza. — Marc beijou sua testa, levantou-se e caminhou para fora do quarto, fechando a porta delicadamente atrás de si.

— O que há com ela? Parece que perdeu peso.

— Não sei. Na escola, saiu da classe com dor de cabeça, e depois vomitou.

— Ela está com febre?

— Não. Talvez seja apenas uma pequena enxaqueca, ou algo assim. Acho que até amanhã já terá passado. — Abracei-o. — Estou feliz que finalmente esteja em casa.

— Eu também. — Ele me beijou. — Mais do que imagina.

E então me beijou novamente. Beijamo-nos por vários minutos. Empurrei-o.

— Você sentiu a minha falta — falei, provocando-o.

Então, a pequenina vai dormir na nossa cama hoje à noite? Sabia por que ele estava perguntando, e isso me alegrou.

— Não. Ela dormirá em sua própria cama.

— Que bom. Senti sua falta.

— Eu também — disse. — Odeio uma cama fria.

— Eu também.

Ele me beijou mais uma vez, e depois se afastou.

— Quer dizer que você fez uma canja?

Tirei os cabelos do rosto.

— Sim. Já deve estar quente. Quer pão? Eu assei alguns daqueles pães congelados.

— Adoraria alguns.

Caminhamos de volta para a cozinha. Marc se sentou à mesa, e fui para o fogão. A canja estava começando a ferver. Desliguei o fogo e entornei uma concha em um prato.

— E então, como foi em Phoenix? Ou era Tucson?

— Ambos. Saí-me bem nos dois lugares. A economia está aquecida no momento, e os hospitais andam bem folgados em seu orçamento. E o clima no Arizona é fantástico, céu azul, e a temperatura fica por volta dos vinte graus.

— Eu gostaria de ter ido. Não se deveria respirar um ar que se pode enxergar.

— É, tive um ataque de tosse no momento em que entrei no vale. Precisamos de uma boa tempestade de neve para limpá-lo.

Por volta de fevereiro, a neve em Salt Lake é tão suja e cinzenta quanto a parte inferior de um automóvel, e, com muita frequência, o ar também. O vale de Salt Lake é rodeado pelas Montanhas Rochosas ao leste e pelas Montanhas Oquirrh ao oeste, por isso, quando uma frente fria de baixa pressão avança, a poluição fica represada ali até que uma grande tempestade a leve.

— Fico pensando se estou apanhando alguma coisa, como a Charlotte. Ontem me levantei cedo para malhar, mas não tinha energia. Acabei voltando para a cama.

— É provável que não esteja dormindo o suficiente. A que horas chegou esta madrugada?

— Por volta das três.

— Eu realmente gostaria que você não dirigisse tão tarde. Não é seguro.

Coloquei o prato de canja, com uma grossa fatia de pão quente, na frente de Marc.

— Quer manteiga para o pão?

— Sim. E mel, por favor.

Peguei o prato de manteiga e o pote de plástico com o mel e os dispus sobre a mesa, perto de Marc; depois me sentei ao seu lado, meus cotovelos sobre a mesa, e as bochechas apoiadas nas mãos.

— Se Charlotte estiver doente amanhã, posso deixá-la em casa com você?

— Pela manhã eu não posso. Temos uma reunião de vendas às nove, e depois encontrarei Dean para tentar impedi-lo de restringir meu território.

— E à tarde?

— Dou um jeito.

Colocou um pouco de mel sobre o pão com manteiga.

— Você acha que ela ainda estará doente?

— Provavelmente não. Mas só por precaução.

Mordeu um pedaço do pão, e acompanhou-o com uma colherada de canja.

— Como está a canja? — perguntei.

— Você faz a melhor canja de galinha que eu conheço. Quase vale a pena ficar doente por ela.

Sorri com o elogio.

— Obrigada.

— E como vão as coisas para as funcionárias de lavanderia?

— Na mesma.

— A Rox já foi contratada?

— Ainda não. Mas, em algum momento, irão acertar as coisas com ela.

— Sabe, todas essas viagens não ficam mais fáceis com o tempo — disse ele. — É solitário ficar na estrada. Eu realmente senti sua falta nesse período.

— Eu também. Odeio a vida de esposa de um caixeiro-viajante.

— Isso soa como uma música *country* — ele disse. — Ou uma peça de Arthur Miller.

— Espero que não. A peça, ao menos. Sorriu e sorveu outra porção de canja.

— Eu também. A peça.

CAPÍTULO

*Dois*

AMOSARA



*Basta a cada dia o seu mal.  
Costumava imaginar o que isso significa.  
Espero que ainda imagine.*

✧. Diário de Beth Cardall ✧.

Na manhã seguinte, Marc acordou, deu-me um beijo no rosto, levantou-se da cama e partiu. Uma hora depois, vesti meu roupão e fui ver como Charlotte estava. Ainda dormia. Abri um pouco as persianas, e sentei-me na cama, ao seu lado.

— Charlotte — chamei.

Ela gemeu e virou para o lado. Colocou a mão na cabeça e começou a chorar.

— Ainda está doendo? — perguntei.

— Minha cabeça está doendo — respondeu. Coloquei a mão em sua testa, mas não estava quente.

— Como está a sua barriga?

— Também dói.

Esfreguei suas costas.

— Está melhor ou pior do que ontem?

— Está mais ruim — ela respondeu.

Inclinei-me e beijei sua cabeça.

— Volte a dormir, está bem?

Puxei a cobertura até seu pescoço, fechei as persianas, e em seguida me arrumei. Liguei para o nosso pediatra, o doutor Benton, e marquei uma consulta para as onze e quarenta e cinco da manhã. Em seguida, liguei para Roxanne.

— Ai, menina, não posso ir esta manhã. Charlotte ainda está muito doente.

Roxanne resmungou.

— Você sabe, essa gripe chata está se espalhando por aí. Ontem a Jan não foi à escola por conta disso.



— Não acho que seja uma gripe. Ela não está com febre. Eu a levei ao médico esta manhã.

— Depois me conte o que ele disse. Perguntarei a Teresa se ela pode vir mais cedo.

— Obrigada. Marc diz que estará em casa esta tarde, então, se quiser, posso ir por volta das duas e trabalhar no turno da noite.

— Assim é melhor. Tenho certeza de que a Teresa vai adorar trocar de turno. Ela é jovem, e ainda tem uma vida noturna.



Às dez e meia, levei Charlotte até a cozinha e fiz um café da manhã para ela — mingau de aveia com açúcar mascavo. Ela não queria comer, então a deitei no sofá, de onde podia assistir ao *Vila Sésamo* enquanto eu me aprontava. Pouco antes do meio-dia, levei-a ao pediatra, o doutor Dave Benton. Consultávamos o dr. Benton desde que Charlotte tinha apenas seis semanas e sofria de muitas cólicas, por isso, tínhamos uma boa relação médico-paciente.

A clínica estava cheia. Quando o tempo muda no vale, há sempre muita gente doente, e a sala de espera fica tão abarrotada quanto uma loja de departamentos em liquidação. Esperamos mais de uma hora para falar com o médico, e ele se desculpou.

— Sinto muito, Beth — disse, ele próprio um pouco abatido. — Isto aqui está parecendo a Estação Central. Parece que metade do vale está doente, e a outra metade está com tosse. E então, o que acontece com a nossa princesa?

— Ontem, ela voltou mais cedo da escola, com dores de cabeça e de estômago. Vomitou três vezes.

Ele sorriu para Charlotte quando se aproximou para apalpar seu pescoço.

— Bem, vejamos se descobrimos o que está acontecendo.

— Meu pai diz que é porque eu como muita banana — falou Charlotte. — Ele disse que eu sou uma macaquinha.

Ele sorriu.